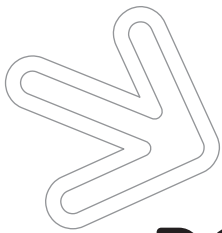


Aline Aurora

Rosane Reis



LÍNGUA PORTUGUESA

PARA O CESPE

Teoria direcionada, dicas
e questões comentadas

2019

 EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br



APORTE TEÓRICO

OS COMANDOS DA PROVA

Nesta primeira parte, vamos começar pontuando alguns itens que você precisa saber:

1. A relação de conteúdos nos editais não está diretamente relacionada ao modo como este conteúdo é cobrado nas questões. Em sua maioria, as questões são multiconteudistas e exigem conhecimento entrelaçado. Por exemplo, uma questão pode envolver o conhecimento de pontuação e oração subordinada, ou crase e uso de artigo. Como você pode ver, ficaria bem difícil separar as questões de acordo com o conteúdo apresentado no edital de forma objetiva.
2. O comando das questões difere das de múltipla escolha, porque pedem julgamento de CERTO ou ERRADO para afirmativas sobre o conteúdo linguístico de textos.
3. Os comandos para julgamento são divididos por tipicidade:
 - Com relação às **ideias e aos aspectos linguísticos do texto**, julgue os próximos itens.

- No que se refere aos aspectos linguísticos e aos **mecanismos da construção da argumentação do texto**, julgue os próximos itens.
- Acerca **dos sentidos** e dos aspectos linguísticos **do texto**, julgue os itens a seguir.
- A respeito das ideias e das **estruturas linguísticas do texto**, julgue os itens seguintes.
- Com referência **aos mecanismos de coesão** e aos **tempos e modos verbais** empregados no texto, assinale a opção correta.
- Quanto **aos termos empregados no texto**, às ideias nele contidas e **à ortografia oficial** da língua portuguesa, julgue os itens seguintes.

São comandos como esses, ou semelhantes, que a banca impõe para o candidato julgar. Antes, portanto, de conhecermos as questões e os conteúdos cobrados, vamos entender cada aspecto desses comandos.

Seguem algumas considerações teóricas de cada um desses aspectos.

1 IDEIAS DO TEXTO

Diz respeito ao que o autor defende e ao que argumenta, já que os textos das provas são, em sua maioria, dissertativos. Essas questões têm julgamento abrangente sobre as ideias gerais do texto, sua composição e suas estratégias argumentativas. Em questões com esse julgamento, a banca costuma cobrar conhecimentos sobre:

1.1 Tipologia textual ou modo de organização discursiva

Todo texto concretiza um **modelo de composição próprio para a situação de comunicação** em curso. Esse modelo é a

plástica do texto que se veicula por canais diversos como televisão, jornal, outdoor, e se chama **gênero textual**. Constituem diferentes gêneros textuais: carta, e-mail, ata, telegrama, bula de remédio, manual de instrução, lei, notícia de jornal, classificados etc. Uns possuem formas mais rígidas que outros. Ainda que sujeitos a modelos, os gêneros apresentam aspectos estilísticos e temáticos pertinentes a cada evento de comunicação. Associados a um determinado registro de língua, os gêneros são peças fundamentais do contrato de comunicação.

Por causa de sua ampla capacidade comunicativa, os textos se organizam internamente conforme modelos de encadeamento textual ou modos de organização: narração, descrição, dissertação (expositiva ou argumentativa) e injunção.

O modo **narrativo** organiza ações em sequência cronológica; o **descritivo** mostra um momento “congelado” na história, caracterizando, por meio de palavras, cenas, personagens, cenários; o **dissertativo-expositivo** diz respeito à explanação de constatações e generalizações; o **dissertativo-argumentativo** mostra a intervenção do produtor no intuito de modificar a opinião, a atitude ou o comportamento do interlocutor; o **injuntivo** é o texto que incita à ação, característico da ordem, do pedido, do conselho, da orientação.

Ocorre que um texto, dependendo de algumas características, acaba por assumir uma e outra feição, tendo uma organização hierárquica de suas partes. Em textos predominantemente narrativos, a dissertação e a descrição aparecem em doses menores. Dizemos, então, que, num texto, há sequências discursivas.

1.2 Estratégias argumentativas na defesa de uma tese

Estratégias argumentativas são o modo como o autor do texto argumentativo comprova a verdade ou validade de sua tese. Essas provas fazem com que o leitor tenha certeza da veracidade do que se defende e chega a algumas conclusões pelo raciocínio ou pela apresentação dos fatos.

São cinco os tipos mais comuns de estratégia:

1. **Os fatos** evidentes, os irrefutáveis, são os que mais provam a tese.
2. **Os exemplos** são fatos representativos de alguma situação.
3. Quando o exemplo se alonga em forma de uma pequena narrativa para comprovar a tese, tem-se **a ilustração**. Há dois tipos de ilustração: a hipotética e a real. A primeira narra o que poderia acontecer ou provavelmente acontecerá em determinadas circunstâncias. Sua narrativa possui detalhes capazes de ilustrar a tese para tornar a conclusão aceitável. O propósito principal da ilustração hipotética é tornar mais viva e mais expressiva uma argumentação sobre temas abstratos. A ilustração real descreve ou narra em detalhes um fato verdadeiro. Mais eficaz, mais persuasiva do que a hipotética, ela vale por si mesma como prova. Muitas vezes, a ilustração é feita por referência a episódios históricos ou a obras de ficção (romances, peças de teatro, cinema).
4. **Dados estatísticos** são informações capazes de provar de forma irrefutável o que se pretende provar verdadeiro.
5. **Testemunho** é o fato trazido à argumentação por intermédio de terceiros. Desde que seja um argumento de autoridade autorizada no assunto, tem valor de prova.

1.3 Ordem lógica dos termos e produção de sentido

A ordem lógica pré-determina o lugar de cada termo da oração, do período, do parágrafo. Partindo-se da **oração**, é simples perceber que a **ordem lógica** é **sujeito, predicado e complementos**.

Ex.:	Machado de Assis	escreveu	Memórias Póstumas.
	Sujeito	Predicado	Complemento

Assim sendo, **há** um conjunto de **normas** que indicam a melhor **colocação** para cada termo da oração. As aulas de português, assim como os compêndios gramaticais, sempre privilegiaram o estudo da **colocação dos pronomes**, deixando de fora todas as outras classes. No entanto, da mesma forma que os pronomes são colocados por uma determinação fonológica, as outras classes gramaticais devem ser observadas, no mínimo, para evitar o cacófato (som desagradável, ou palavra obscena, proveniente da união das sílabas finais de uma palavra com as iniciais da seguinte [Aurélio, *s.u.*]), mas, principalmente, para evitar a mudança de sentido. A banca CESPE | Cebraspe costuma cobrar questões de reescrita, envolvendo o sentido do texto pela ordem de colocação dos termos. A seguir, segue uma ilustração de estratégias usadas para solucionar os problemas de ordem dos termos.

▼ *Ilustrando:*

Frase cacofônica	Frase eufônica	Estratégia
Já que tinha resolvido...	Já que havia resolvido	Substituição lexical
Não pense nunca nisso.	Nunca pense nisso	Mudança da ordem dos termos
O irmão pôs a culpa nela.	O irmão pôs- lhe a culpa.	Substituição do pronome por forma oblíqua
Mais uma má notícia.	Mais uma notícia má	Mudança da ordem dos termos
Governo confisca gado de fazenda em Mato Grosso.	Gado é confiscado de fazenda em Mato Grosso	Mudança de ordem e de voz verbal

▼ *Comentário:*

É fácil perceber, pelos elementos grifados na coluna **um**, o som resultante da composição descuidada da frase. A coluna **dois** representa a frase com o cacófato solucionado, e a **última** coluna indica a estratégia utilizada na solução do problema.

A **colocação** ainda pode ser excelente **recurso de ênfase**. Nesse caso, a **ordem lógica** dá lugar a outra ordem: a **psicológica**. Esta **organiza os termos da oração** (do período ou do parágrafo) **segundo a importância que têm para o enunciador** e deve ser percebida por seu interlocutor.

Retomando exemplo anterior tem-se:

Exemplo 1	Machado de Assis	escreveu	Memórias Póstumas.
<i>Ordem lógica</i>	Sujeito	Predicado	Complemento

Exemplo 2	Memórias Póstumas,	Machado de Assis	escreveu.
<i>Ordem psicológica</i>	Complemento	Sujeito	Predicado

No **exemplo 1**, o **sujeito** ocupa a **primeira posição**, mantendo-se assim como **elemento de destaque**.

No **exemplo 2**, a **inversão dos termos** trazendo o **complemento** (objeto direto) para a **primeira posição**, faz com que este se torne mais importante que os demais, pois foi deliberadamente **destacado pelo enunciador**.

▼ Ilustrando:

Em 60 anos de vida, fiquei órfão **três vezes**. **A primeira** foi quando Glauber Rocha, nem dois anos mais velho do que eu, morreu e me deixou desarvorado em Portugal, onde convivêramos **em seus últimos dias**. **A segunda** foi quando meu pai, Manoel Ribeiro, morreu e perdi de vez o tapinha nas costas dado por ele, nas raras ocasiões em que sua severidade lhe permitia agradar-se de algo que eu tinha feito. **A terceira vez foi na noite de segunda-feira passada**, quando morreu Jorge Amado e estou aqui, desnordeado novamente, **agora** que **nunca mais** vou poder ouvir seu bom humor, às vezes brincalhonamente irônico, manifestar-se nas muitas lições que me deu, na paciência e generosidade que **sempre** foram marca de seu temperamento.

Fragmento de "Jorge Amado e Eu", de João Ubaldo Ribeiro

▼ *Comentário:*

Nesse fragmento, a marcação cronológica se faz pelos advérbios ou expressões adverbiais. Assim fica clara a ordenação dos fatos.

Há palavras gramaticais (sem referência no mundo empírico) que produzem significação cronológica, como por exemplo: 1 – preposições: **a, ante, até, após, em, entre, por, trás**; 2 – conjunção: quando; 3 - locuções: 3.1 – de relevância: **em primeiro lugar; antes de mais nada; acima de tudo**; 3.2 – causa e consequência: **por conseguinte; por consequência; em decorrência; por isso, por causa de; em virtude de**; etc.

1.4 Tipos de discurso

Em um texto narrativo, o narrador apresenta a fala dos personagens de três maneiras distintas:

1. Reproduzindo-a textualmente (Discurso Direto);
2. Transmitindo-a com suas próprias palavras (Discurso Indireto);
3. Misturando os dois outros tipos (Discurso Indireto Livre).

Leia os trechos abaixo e os comentários a respeito de cada um dos discursos apresentados.

1.4.1. *Discurso direto*

“[...] Da cozinha veio a informação:

– Tem bacalhau à Gomes de Sá. Quer?

– É, pode ser isso – concordou Seu Adelino, sem entusiasmo.

Ao cabo de dez minutos, veio o garçom brandindo o Gomes de Sá. A freguesa olhou o prato, invejando-o, e, para estimular o apetite de Seu Adelino:

– Está uma beleza!

– Não acho muito não – retorquiu, inapetente”

Carlos Drummond de Andrade em *O Dono*.

▼ *Comentário:*

Observe que a fala dos personagens aparece representada fielmente pelo narrador. O recurso linguístico responsável pela indicação dessas falas é o **travessão** e, em alguns casos, os **verbos de introdução de fala** ou de expressão de pensamento e sentimento (os chamados verbos dicendi). No trecho acima, esses verbos são “concordou” e “retorquiu”.

1.4.2 Discurso indireto

“Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo.”

(Machado de Assis – A Cartomante)

▼ *Comentário:*

O narrador transmite com suas próprias palavras o que o personagem proferiu. Nestes casos, o leitor tem sua opinião direcionada pelo narrador, já que não conhece fielmente as palavras dos personagens. É induzido a pensar conforme o narrador quer que o faça. Observe que neste trecho somos induzidos a pensar que a personagem falava de forma “vulgar” as palavras de Hamlet.

Há uma outra maneira de expressar a fala de alguém no discurso indireto: usa-se a construção da subordinação com o verbo “dicendi” na oração principal e, após a conjunção integrante, cita-se o texto do outro isolado por aspas.

✦ *Ex.:* Rousseau disse que “o homem nasce bom; a sociedade é que o corrompe.”

1.4.3 Discurso indireto livre

“Certa noite, caiu uma tempestade horrível. Trovejava e chovia a cântaros. De repente, bateram à porta do castelo, e o rei foi pessoalmente abrir. No umbral havia uma princesa. **Mas, Santo Céu, como havia ficado com o tempo e a chuva!** A água

escorria por seu cabelo e roupas, seu sapato estava desmanchando. Apesar disso, ela insistia que era uma princesa real e verdadeira.

(João sem medo – Irmãos Grimm)

▼ *Comentário:*

O trecho em **negrito** representa o discurso indireto livre, pois, pela palavra do narrador, sabe-se aquilo que a personagem pensa. Neste tipo de discurso, a fala ou pensamento do personagem não são marcados por travessão, aspas ou verbo “dicendi”; é introduzido na fala do narrador como um desabafo, um questionamento, uma exclamação do personagem. Normalmente aparecem marcados e delimitados por interrogações, exclamações ou reticências.

» Mudança de discurso

Na mudança do discurso direto para o indireto, as orações intercaladas passam a constituir a oração principal cujas subordinadas, introduzidas pelo conectivo **que** (para o verbo dizer e equivalentes) e **se** (para o verbo perguntar e equivalentes), são a fala do personagem traduzidas pelo narrador. Em algumas ocasiões as orações subordinadas podem ser introduzidas por advérbio ou pronome interrogativos (como, quando, quem).

DISCURSO DIRETO	
Oração intercalada	Oração absoluta
O pai interrompeu a mãe questionando:	Quando ele vai fazer prova, afinal?
A professora perguntou para Paulinho:	Você fez o trabalho de casa?
O padre disse aos fiéis:	Ide em paz!

MUDANÇA	
Oração principal	Oração subordinada
O pai interrompeu a mãe questionando-a	quando ele ia fazer prova, afinal.
A professora perguntou para Paulinho	se ele fizera o trabalho de casa.
O padre disse aos fiéis	que eles fossem em paz.

1.5 Progressão textual

A progressão textual é a representante maior da coesão textual. A escolha e a ordenação dos temas dos enunciados, sua mútua concatenação e hierarquia, assim como o seu relacionamento com as unidades superiores do texto (o parágrafo, a seção, o capítulo etc.), faz conexão com o texto inteiro e com a situação.

A existência (ou não) de uma estrutura textual que garante a progressão temática pode ser identificada com perguntas, como: **O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Para quê?** etc. Por meio delas se torna possível deduzir a concatenação adequada das ideias e saber se há **dados novos**, para além das **informações velhas** que constituem o **conhecimento partilhado** (ponto de partida para a compreensão do texto).

Como todo ato comunicativo possui um propósito definido, o enunciador do texto seleciona e distribui, ao longo do texto, as informações novas que deseja transmitir ao seu interlocutor.

▼ *Ilustrando:*

1. Gerente de banco é morta durante assalto (**título**)
2. **A gerente** Carmem Lúcia Tolon Luchetta **foi** assassinada com um tiro por quatro ladrões
3. **que (eles)** tentaram roubar a agência do Unibanco **da** rua Teodoro Sampaio em Pinheiros Zona oeste
4. **e (eles)** estacionaram próximo à agência
5. Os quatro entraram armados **com revólveres** na agência
6. **e (eles)** anunciaram o assalto.
7. Dois vigias **do banco** reagiram **começando o tiroteio**.
8. Segundo a polícia, um dos assaltantes **teria mirado**
9. **e (ele)** teria disparado um tiro em direção à gerente **durante o confronto**.
10. A bala acertou o peito **de Carmem Lúcia**.
11. **Em seguida, os quatro** ladrões deixaram o banco.
12. **Eles** fugiram nas motocicletas.

Notícia da Folha de São Paulo, 01 de junho de 1995